Negociação internacional

Acordo do Mercosul e da UE

Odilson L. Ribeiro e Silva*

O POSSÍVEL acordo entre o Mercosul e a União Europeia tem o tema agrícola como um dos seus maiores desafios. Em Bruxelas, principalmente, há o *lobby* contrário dos representantes dos produtores e suas cooperativas: com o acesso aos meios de comunicação e contrários ao acordo, eles aproveitam-se da dificuldade dos países do Mercosul em acessar a mídia para apresentar sua contra-argumentação de maneira compatível. No entanto, em recentes debates, nota-se desgaste do *lobby* agrícola refratário ao acordo, face aos argumentos utilizados e à sua repetição.

Principais argumentos contra o acordo

- Critérios ambientais deficientes do lado do Mercosul;
- Grande volume de importação de carne do Brasil, principalmente a bovina;
- Necessidade de a Europa diminuir sua dependência em proteína vegetal.

O argumento sobre meio ambiente sofre esvaziamento pela própria discussão da reforma da Política Agrícola Comum (PAC) para o período de 2014 a 2020. A representação dos produtores e cooperativas agrícolas da UE (COPA-COGECA) é a principal entidade contrária às propostas sobre as áreas de interesse ecológico em propriedades agrícolas, como, por exemplo, a reserva de 7% para essa finalidade.

A busca de critérios de flexibilidade para o *greening* (esverdeamento da PAC), com a proposta dos próprios Estados-membros definirem alguns desses critérios, enfraquece a dinâmica inicial prometida pela Comissão à sociedade europeia para justificar o aporte de cerca de 40% do orçamento na atividade agrícola, sem reembolso aos cofres públicos.

Quando se compara o *greening* com o Código Florestal brasileiro, recentemente aprovado, com critérios rígidos de reserva legal de 20% a 80% das propriedades rurais, além da preservação das margens de rios, nota-se o evidente desconforto do *lobby* agrícola europeu.

Por sua vez, o discurso de que a soja importada representa área da produção europeia nos países exportadores também não encontra suporte quando confrontado ao mesmo argumento em relação às exportações agrícolas europeias, consideradas as maiores do mundo.

A outra menção recorrente é sobre a importação de carne, sendo o Brasil apontado como responsável por cerca de 80% da importação de carne bovina da UE. O impacto deste número é imediatamente diminuído quando se compara a produção europeia de carne bovina, com algo em torno de 8 milhões de toneladas: em 2012, a importação do Brasil foi de 115 mil toneladas, ou seja, menos de 1,5% da produção europeia.

Além do mercado de carne para a UE ser restrito, o preço do produto brasileiro, muito competitivo no passado (valor médio para o mercado mundial de US$ 1800 a tonelada em 2002), teve aumento de 272% até 2011 (US$ 4900 a tonelada).

Quanto às emissões oriundas da produção de carne bovina no Brasil, estudo da Joint Research Center (JRC), da UE, mostrou ser o dobro em relação ao bloco. Mas, quando a comparação é feita com aves, o trabalho mostra resultado oposto. Na verdade, a metodologia adotada pela JRC requer aperfeiçoamento para uma avaliação mais cuidadosa.

Finalmente, o argumento propalado sobre a necessidade de diminuir a dependência da UE de proteína vegetal demonstra a falta de visão sistêmica ou a má-fé dos que o utilizam. Seria praticamente impossível, nas atuais circunstâncias, a UE ser a maior exportadora de produtos agrícolas, incluindo vários produtos de origem animal, como presuntos e lácteos de alto valor agregado – cuja produção utiliza a soja brasileira –; alimentar sua população de 500 milhões; e ainda ser independente quanto à necessidade de insumos para sua produção, prescindindo, então, da importação e apenas exportando excedentes.

No momento, com o esgotamento aparente da argumentação do *lobby* agrícola contrário ao futuro acordo entre o Mercosul e a UE, abre-se a oportunidade ideal para implementar as negociações. A troca de ofertas, prevista para ocorrer até o final do terceiro trimestre de 2013, pode criar uma das maiores áreas de livre comércio do mundo. Convém apenas ressaltar que, se o futuro acordo entre a UE e o Mercosul apresenta dificuldades nas negociações em agricultura, muito provavelmente, nas negociações entre a UE e os EUA, as discussões quanto à agricultura serão também muito intensas. ■

Este artigo reflete a opinião do autor e não da instituição que representa.

*Adido agrícola da missão do Brasil junto à União Europeia